

– *Apresentação* –

Os libertários e a Geografia: entrando na academia pela porta da frente?

Rafael Zilio

Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
rafael.zilio@yahoo.com.br

É com muita satisfação que apresentamos este número 2 da Revista **Território Autônomo**, que chega em um momento de renovação do interesse pela práxis libertária tanto no âmbito acadêmico quanto fora dele. O presente número aborda assuntos históricos, discussões de cunho filosófico e relações da teoria com a práxis inspirados pelo pensamento libertário, demonstrando a diversidade de temas que, no mundo atual, encontram-se necessitados de um exame à luz de um aparato teórico-conceitual que retroalimente a prática, apontando caminhos para a emancipação humana.

Muito tem se falado nos últimos anos sobre a reemergência do pensamento libertário em diversos âmbitos, como na práxis de movimentos sociais emancipatórios (e mesmo de ativismos não muito duradouros) e na academia, através de eventos ou publicações de artigos. A **Território Autônomo** se insere nesse contexto. Apesar de a

revista não se limitar a textos de geógrafos, opto por apontar brevemente aqui algumas experiências que estão contribuindo para a difusão do pensamento libertário e partem da Geografia e afins, por motivo de conhecimento pessoal. Destaco eventos acadêmicos e acadêmico-políticos como o colóquio *Os Geógrafos e os Movimentos Sociais: Como Cooperar?* (em 2006 no Rio de Janeiro), o *I Colóquio Território Autônomo* (em 2010, também no Rio de Janeiro), a Feira Anarquista de São Paulo (que em 2012 teve sua 3ª edição) e a *Feira do Livro Anarquista* de Porto Alegre (que em 2012 teve sua 2ª edição), entre outros eventos de curta duração e também determinadas semanas acadêmicas de alguns cursos de graduação. Ademais, aponto com muita satisfação a mesa intitulada “Geografia e Pensamento Libertário”, no âmbito do XVII Encontro Nacional de Geógrafos (Belo Horizonte, julho de 2012), com integrantes do coletivo editorial da **Território Autônomo**. Pela primeira vez, houve

um momento dessa natureza, neste que é um dos maiores eventos científicos do Brasil.

Entre as publicações, além da presente revista, destaco o artigo de Marcelo Lopes de Souza no número 38 (2011) do Boletim Gaúcho de Geografia, “Geografia: A hora e a vez do pensamento libertário”; e o número 15 da Revista Cidades, formalmente referente ao primeiro semestre de 2012 e que finalmente saiu publicado neste ano de 2013, inteiramente dedicado às relações entre o pensamento libertário e o estudo das cidades, intitulado “O pensamento e a práxis libertários e a cidade”. Outras publicações que gostaria de mencionar são aquelas promovidas pela Biblioteca Terra Livre (com traduções de textos de Reclus e Kropotkin, entre outros) e pela editora Deriva (como a tradução para o português do livro *Apoio Mútuo*, de Kropotkin).

Nesse contexto, alguns desafios se apresentam para o desenvolvimento do pensamento libertário não somente na Geografia, mas também em outras áreas do conhecimento (inclusive fora do âmbito acadêmico), no que se refere a resistências à utilização da academia. Um dos obstáculos é a preocupação excessiva com uma espécie de *formação de comportamento “anarquista”*, ideias de suposto cunho libertário apenas superficiais, epidérmicas ou, nas palavras de Bookchin, um *anarquismo de estilo de vida*¹, beirando o primitivismo e recusando o estudo sistemático. Em

determinadas posturas parece que o estudo e a (auto)disciplina são elementos pequeno-burgueses, e que a academia seria em si reacionária ou aberta apenas para um pensamento crítico *blasé* e limitado, cioso do “discurso competente”, descolado do chão das lutas populares. Esta é uma posição que deve ser rejeitada sob pena de se cair em um individualismo autoritário, estando longe dos princípios cultivados pelos que lutam pela emancipação humana. Assim, identifiquei dois tipos de posturas dos libertários em relação à academia que denotam certa resistência a ela:

- **Recusa**: advinda muitas vezes do receio em se cair num academicismo, ou mesmo é feita uma confusão entre *academia* e *academicismo*. Justifica-se isso pelas amarras acadêmicas, sua burocracia e sua estrutura departamental positivista, elementos que parecem não oferecer margens de manobra para o pensamento libertário;

- **Motivação sem orientação**: há, em outros casos, abundância de fome acompanhada de escassez de pratos de comida. Muitas vezes, quando há interesse e motivação, os professores universitários desconhecem ou tem uma visão extremamente superficial, enviesada, do que seria o pensamento libertário, dificultando ou comprometendo assim a formação do indivíduo.

Soma-se a isso a permanência do marxismo acadêmico que é, como foi alhures apontado no número 1 da Revista, descolado do marxismo militante; porém, possuidor de um acúmulo de estudos e um rigor que devem ser reconhecidos. O fato de os pensadores libertários terem sido jogados para escanteio pela academia ao longo dos dois últimos séculos, marginalizando suas ideias, fez

¹ BOOKCHIN, Murray. Anarquismo social ou anarquismo de estilo de vida: um abismo intransponível. In: **Anarquismo, crítica e autocritica**: primitivismo, individualismo, caos, misticismo, comunismo, internacionalismo, antimilitarismo e democracia. São Paulo: Hedra, 2011. Uma resenha deste livro pode ser encontrada no primeiro número de **Território Autônomo**.

com que a organização para o estudo sistemático, como grupos de estudo, núcleos de pesquisa, eventos de toda a natureza, fossem escassos, ao menos até pouco tempo atrás. Nesse sentido, os libertários precisam, seguindo a inspiração de nomes como Reclus e Kropotkin, cultivar uma (auto)disciplina de estudos e também proporcionar ambientes de troca e de discussão férteis para que o rico potencial do aparato teórico-conceitual libertário se desenvolva em consonância com os movimentos sociais emancipatórios, tendo em vista a precaução de não se descolar a teoria da práxis, a academia do chão das lutas.

De qualquer maneira, o que se nota é o pensamento libertário entrando aos poucos na academia pela porta da frente. Ainda que as brechas sejam poucas e a resistência a um pensamento crítico não-autoritário persista, este é um momento histórico em que diversas manifestações de jovens se utilizam de práticas e vocabulário libertários, e grande parte destes jovens encontram-se na academia, ora rejeitando-a por diversos motivos, ora tentando abrir novas brechas.

É preciso, assim, que se coloquem questões como: qual a utilidade da academia para os libertários? A aceitação de ideias provenientes do pensamento libertário por muitos jovens graduandos é acompanhada de uma orientação de qualidade ou serve apenas para uma formação de comportamento? De que maneira e quais as margens de manobra para se utilizar a academia como uma ferramenta de apoio das lutas sociais, longe da entoação de qualquer discurso competente?

Em suma, parece que pela primeira vez o pensamento libertário pode entrar na academia pela

porta da frente. Saberemos aproveitar as oportunidades, utilizando a academia sem sermos por ela domesticados e corrompidos?

Agora, apresento os textos contidos neste número 2. Na seção *Críticas & Alternativas*, temos o artigo de Frederico Ferreti e Philippe Pelletier intitulado “Indígenas do universo”: espaço, dominação e práticas de libertação social na obra dos geógrafos anarquistas Elisée Reclus, Piotr Kropotkin e Léon Metchnikoff”, o qual realiza uma abordagem histórica a respeito da teia de relações entre geógrafos anarquistas e sua atuação ao longo do século XIX e início do XX. O esmiuçar das ideias e obras dos pensadores em foco traz à tona não somente capítulos fundamentais da história do pensamento libertário, como também mostra a atualidade de tais ideias. A seguir, Eduardo Tomazine Teixeira analisa a marginalidade do pensamento libertário frente a outros “filhos” do iluminismo e destaca o resgate e a utilização de significações libertárias servindo de referência para a práxis contemporânea em “Pensamento libertário, prática revolucionária e ciência...”. Este texto é inspirado na fala do autor na mesa “Geografia e Pensamento Libertário”, realizada no XVII Encontro Nacional de Geógrafos. O terceiro artigo do presente número é “Deambular pela cidade como uma experiência humanista”, de Theo Soares de Lima. O autor se debruça sobre as ideias do movimento situacionista para analisar criticamente o ser e o estar nas cidades contemporâneas, buscando formas de subverter a ordem espacial urbana vigente

para assim experimentar a cidade de uma forma humanista que aponte para a radicalização da liberdade.

Neste número 2, a **Território Autônomo** traz um texto de Martin Buber sob o título de “Um experimento que não falhou”, na seção *Encontro com os Clássicos*, traduzido por Eduardo Bayer Knopman. Buber analisa tentativas de implantação de cooperativas e comunas frente ao Estado, na esteira da tradição do Princípio Federativo. Ele avalia as Vilas-Comuna judaicas na Palestina e o Movimento Kibbutziano enquanto formas de organização da produção (e da vida, de um modo geral) alternativas às ideias centralizadoras.

Na seção *Direto da Luta*, temos uma entrevista com Gelson Alexandrino, ativista do Movimento de Comunidades Populares (MCP) do Rio de Janeiro. A entrevista conduzida por Tatiana Tramontani Ramos ilustra a luta por uma economia popular coletiva e traz a experiência de vida de Gelson nas lutas sociais em diferentes geografias.

Finalizando este número, temos uma resenha do livro “Potência de existir: manifesto hedonista”, de Michel Onfray, feita por Theo Soares de Lima. O texto nos instiga a uma leitura que trata filosoficamente de questões como ética, estética e bioética sob um ponto de vista hedonista – este hedonismo sendo retirado do entendimento corrente e revestida de outros sentidos, finalizando com o que Onfray defende como um “projeto libertário”.

Todos do Coletivo Editorial da Revista **Território Autônomo** esperam que o leitor não apenas tome nota dos textos aqui apresentados, mas se aproprie deles e os compartilhe. Que as ideias expostas neste número instiguem debates, sejam objeto de partilha e provocadores de uma reflexão aprofundada sobre a contemporaneidade sob a ótica libertária.

Rafael Zilio

Rio de Janeiro,
outono de 2013